



ISSN 2358-8829

**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

LITERATURA INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A ALFABETIZAÇÃO

OLIVEIRA. Jane Lima Camilo de¹

MARTINS. Ana Maria de Araújo²

RESUMO

As crianças ao ingressarem no ensino fundamental passam por um momento crucial no processo de escolarização e aprendizagem, por terem que desvincular-se de alguns hábitos e costumes familiares, nesse cenário, o presente artigo objetiva a pesquisa sobre o processo de leitura, excluir e ouvir contos e histórias passadas de geração em geração, que costumemente nos comovem e gratificam, levando assim, tantas mensagens, sejam escritas ou contadas através pessoas leigas ou graduadas. É enriquecedor para o trabalho interdisciplinar, oportunizar que crianças experimentem uma forma prazerosa e dinâmica de aprendizado significativo no processo da escolarização por meio da leitura, aprendizado esse que contribui para a alfabetização, através dos livros de histórias infantis, teatro, contos, entre outros, desenvolvendo a imaginação, construindo seu próprio mundo de ideias e possibilitando a socialização. A metodologia desta pesquisa é qualitativa e bibliográfica. A aceitação dos contos de fadas neste processo teve pelo menos duas consequências importantes sobre a evolução da literatura infantil. Em primeiro lugar, surge o predomínio do lúdico sobre o instrutivo; em segundo, define-se um gênero especificamente voltado para crianças. De igual forma, a escola, então, passa a adquirir especial significação, ao tornar-se o espaço de união entre as crianças e o mundo, restabelecendo a unidade perdida, e ainda está rodeada do mundo adulto e da realidade exterior.

Palavra-chave: Leitura. Alfabetização. Mensagens. Geração. Socialização.

¹ Graduada em Pedagogia (FASAP/UNIESP), Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia (ESAP), janelima-camilo@hotmail.com

² Orientadora Mestra em Ensino (UENP), Professora (FASAP/UNIESP) e Pesquisadora GEFOP (UENP), anamariamar@bol.com.br



INTRODUÇÃO

Justificamos a relevância da pesquisa, acreditarmos que: ouvir história faz parte de nossa cultura e são passadas de geração para geração através de palavras contadas uns para os outros, ou, livros de registros. A partir do gosto de ouvir, a literatura promove nas crianças o gosto pela leitura, que será utilizada em sala de aula de acordo com seu título em planejamento na multidisciplinaridade do currículo escolar, podendo ainda promover, a sociabilidade, valores morais, éticos e cidadania.

Com a literatura desenvolve-se a interpretação e compreensão de textos, o cálculo, o raciocínio lógico em situações problemas; desenvolvendo ainda a oralidade, escrita e o conhecimento dos gêneros textuais, sendo ainda um dos caminhos que facilitam a aprendizagem durante o processo de alfabetização.

Outro fator que justifica a temática, diz respeito à questão legal, pois de acordo com o Plano Nacional de Educação (2012) o Projeto Todos pela Educação, a implantação do ensino de Nove Anos e o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), a criança deverá dentro do ciclo de alfabetização, 1º, 2º e 3º ano, saber ler, escrever e fazer cálculo. É nitidamente comprovado que uma grande parte dessas crianças não consegue ser alfabetizadas nesse período, tendo dificuldades na leitura e escrita.

Do ponto de vista teórico e metodológico, qual a contribuição da literatura no processo de construção da língua escrita e oralidade da criança? Como objetivo e específico nossa intenção foi demonstrar a importância da Literatura Infantil na alfabetização, bem como desenvolver na criança, o interesse na leitura no decorrer de sua vida, a intenção foi de incentivar as instituições educacionais a realizarem projetos de literatura despertando nelas o gosto pela leitura.

BREVE HISTORICO DA LITERATURA INFANTIL

Literatura é a única manifestação de arte que tem uma condição para o leitor: ser alfabetizado. Nesse sentido a literatura é “fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais a sua possível/impossível realização” [...] (COELHO, 2000, p. 27), e ainda uma das produções e recepções humanas mais importantes para a formação do indivíduo: de um lado, expressa a experiência do autor; de outro, provoca uma experiência no leitor. Ela enriquece a imaginação e a fantasia da criança, cultiva a liberdade de espírito. As lendas e tradições



folclóricas de todos os povos transmitidas oralmente, de geração em geração, são a principal fonte inspiradora da literatura infantil. Uma literatura contemporânea, por sua vez, vai além do prazer, da emoção: ela visa alertar, transformar a consciência crítica do leitor e interlocutor. A criança, através dela, associa e harmoniza a fantasia e realidade, a fim de satisfazer suas exigências internas.

Convém ressaltar que, cada época compreendeu e apresentou literatura à sua maneira. Ela representa, a cada momento da humanidade, uma etapa de sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é uma forma de entender os valores e ideais em que cada sociedade se fundamentou. É desta forma que entenderemos como a criança era encarada nessas diferentes épocas, tanto pelo adulto quanto pela escola, para termos uma visão mais clara quanto à relação criança e literatura. É preciso lembrar, de início, que além de a literatura infantil ser um fenômeno literário, é um produto direcionado às crianças, produto que, em suas origens, era destinado aos adultos.

Da sociedade antiga até a Idade Média a imagem da criança era de um adulto em proporção menor; o mundo da criança era o mesmo do adulto: as crianças trabalhavam e viviam com os adultos e testemunhavam nascimentos, doenças, mortes; participavam da vida pública, das festas, das guerras de outros acontecimentos. Não havia um método de aprendizagem: o espaço de aprendizagem do adulto era o espaço da vida infantil. De certa forma, a criança era tratada com hostilidade. Faltavam-lhe laços afetivos, era pouco considerada e a figura materna não se fazia presente nos primeiros anos de vida.

Entre 1660 e 1880 houve mudanças significativas na prática de criação das crianças. Tudo acontece entre a alta burguesia e os profissionais liberais. Desenvolve-se um modelo familiar voltado para os filhos; a mãe passa ser uma figura dominante na vida da criança. O século XVII é uma época de grande influência e estímulo dos protestantes, com uma organização fortemente patriarcal. Os pastores viam a criança como um indivíduo que somente podia ser domado pela educação religiosa rígida. Já se verifica um interesse especial pela criança, provocando a edição dos primeiros tratados de pedagogia, escritos pelos protestantes ingleses e franceses. Os manuscritos eram lidos para as crianças, tais como as vidas de santos, eram voltados para a formação religiosa.

Os primeiros livros infantis foram produzidos e especificamente escritos como literatura para criança ao final do século XVII e durante o século XVIII. Os primeiros textos são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo, aproximando assim



a instituição escolar e o gênero literário. Ainda século XVII a literatura dividiu espaço com o leitor infantil. É importante ressaltar que com o tempo a educação institucionaliza-se, substituindo aos poucos a aprendizagem transmitida pela experiência dos mais velhos. Surge um novo mercado de consumo, no qual aparecem os dicionários de higiene para família, brinquedos e uma literatura específica para criança. No século XVIII, os pequenos e as mulheres gozam de maior liberdade. Por outro lado, a criança da classe nobre lia trechos dos clássicos; a criança do povo ouvia as histórias de cavalaria, as lendas e toda literatura oral que circulava no meio adulto. Tudo acontecia ao redor das fogueiras. Nas tavernas e em outros lugares. É ainda nessa época que surge a preocupação com uma escola para todos; as reformas pedagógicas apontam para a obrigatoriedade da alfabetização. Com essas novas preocupações com a leitura começaram a surgir resumos de certos livros de adultos que passaram a ser adaptados à compreensão e ao gosto das crianças. A leitura se revela como fenômeno histórico, valendo-se de um modelo de sociedade para se expandir.

Jean-Jacques Rousseau teve grande influência sobre os livros infantis escritos no início do século XIX no Reino Unido, na França e na Alemanha. O princípio do crescimento espontâneo e normal da criança dentro de um ambiente natural adequado, proclamado por Rousseau, foi, no entanto, mal entendido pelos escritores e educadores da época, que impregnaram a literatura infantil de informação escolar e princípio moralizante.

No século XIX, a criança burguesa encontra-se integrada no contexto familiar, sendo forte a ascendência da mulher na organização doméstica. No início desse século, duas obras marcaram profundamente a história da literatura infantil. A primeira foi histórias para as crianças e a família, em 1812-1815, conhecida como contos de Grimm, resultado de uma pesquisa feita pelos alemães Jacob e Wilhelm Carl Grimm, compreendidas em mais de 200 narrativas de fundo popular, obras que se immortalizaram em todo mundo. Branca de Neve e os Sete Anões, João e Maria e Os Músicos de Bremen, entre outras, deram origem a adaptações no mundo inteiro.

Hans Christian Andersen (1835/1872) dinamarquês torna pela primeira vez, as histórias autorais, além das que ele compilou do folclore nórdico. Considerado o criador da literatura infantil, Anderson conseguiu unir em suas histórias o pensamento mágico de origens arcaicas e o pensamento racionalista daqueles que eram os novos tempos. Sua coleção de contos de fadas teve sucesso imediato, e as histórias como: O Patinho Feio e O Soldadinho de Chumbo, onde havia humanização dos bichos e objetos com muita criatividade, também foram bem



aceitas. É bem verdade que, na Europa surgiu o ensino obrigatório e gratuito; as crianças são retiradas do mercado de trabalho e, principalmente, as operárias voltam à escola. Criam-se condições de formação tanto para a criança rica quanto para pobre, oportunizando-se, assim, acesso à “literatura”. Ainda no século XIX, surge uma abundante literatura moralizante, de informação e infantil, que pretendia auxiliar as crianças a se prepararem o mais depressa possível para a vida adulta.

A literatura infantil vem seguindo várias tendências nestes séculos de produção. Varias discussões surgiram como a quem pertenceria a literatura infantil, à arte literária? Ou à área pedagógica? São controvérsias que vêm de longe, pondo-se em questão a finalidade da literatura destinada às crianças. De acordo com a época as opiniões se radicalizam, a literatura é vista como instrução ou diversão. Enfim, o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura:

“...é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, onde ele deve atuar. quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.” (COELHO, 1987 p.105).

A literatura brasileira tem características bastante originais, que combinam as contribuições europeia (portuguesa), africana e indígena. A literatura oral trazida pelos primeiros colonizadores era narrada pelas avós, que entretinham as crianças com histórias do folclore português. A elas se somaram as histórias das escravas negras, que andavam de engenho em engenho transmitindo- as às outras negras e as mães dos meninos brancos.

Foi a partir da obra revolucionária de José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) que a literatura infantil brasileira ganhou corpo e definição. Com ele nasce uma literatura genuinamente brasileira. Seus textos se relacionam com a realidade social do período, com seus personagens contemporâneos. Mas a literatura para criança era confundida e tratada como literatura escolar, era intimamente ligada à pedagogia. O livro de Monteiro Lobato de 1922, com *Narizinho Arrebitado*, que foi introduzido nos bancos escolares como “literatura escolar”. Porém, Monteiro Lobato inaugura a literatura infantil brasileira rompendo com conceitos maniqueístas: certo ou errado, bom e mau. O caráter didático e moralizante vai dando lugar a uma produção autêntica, passando a dar ênfase ao uso de onomatopéias e de neologismo, que são presença constante em seus textos. Entre 1920 e 1930, Lobato criou não apenas uma história, mas todo um mundo povoado por criaturas, em se misturam verdade e



fantasia. Isso se deu através de personagens como Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho, Narizinho. Emília e Jeca Tatu, um dos personagens mais importantes da vida literária e editorial brasileira, além de outros, por meio dos quais Monteiro Lobato retratou a sociedade da época, manifestando preocupação com as questões nacionais. Seu livro O Sítio do Pica-Pau Amarelo une a realidade ao imaginário: inserem-se em seus textos discussões até então negadas ao mundo infantil, como guerra, problemas ecológicos e sociais.

Outros autores, como Malba Taham, contribuíram com suas obras que se tornaram clássico, ainda na década de 1920. Na década de 1930, tivemos Orígenes Lessa, Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Luís Jardim e Vicente Guimarães. Na década seguinte destacamos Francisco Martins e Edy Lima. Nos anos de 1950, o destaque é o poeta Mario Quitanda. A década de 1960 nos trouxe Cecília Meireles, Maria Mazetti, Clarice Lispector e Ziraldo. Nas décadas de 1960 e 1970, com o movimento da ditadura militar, com a instituição da Lei de Diretrizes e Bases na Educação (1961 e 1971), com a obrigatoriedade da literatura de obras de autores nacionais nas escolas e com a criação da maior instituição voltada à literatura para criança e jovens no Brasil, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil FNLIJ (1968) surgiram vários escritores. Alguns especialistas caracterizam esse período como o da explosão da literatura voltada à infância. Naquela época a literatura infantil se consolidou. A década de 1980 vai marcar a entrada dos ilustradores, surgiram várias obras sem texto verbal, só com imagens; as ilustrações não reproduzem o texto, mas trazem uma leitura dele, feita em imagens.

Nessa linha de análise, o entendimento do que é literatura deve, de acordo com a concepção histórico-cultural de aprendizagem, excede ao universo da bibliografia mais específica para ser trabalhado em sala de aula, construindo-se na prática pedagógica sua compreensão, ou seja, investigando-se como a literatura se constitui historicamente como forma de expressão e que lugar ocupa no mundo contemporâneo e no cotidiano dos nossos alunos. A prática cotidiana prova que mesmo sem dominar a linguagem verbal enquanto sistema simbólico, a criança apresenta aptidão para resolver dificuldades e alcançar seus objetivos do dia-a-dia. O choro, o riso e o balbúcio são meios de contato social de que a criança pequena se utiliza como comunicação com outras pessoas. É por meio da linguagem que a criança constrói representação da realidade da qual faz parte. Ela transforma e é transformada pelo seu modo de agir no mundo, assume um papel de recreação de sua realidade histórico por meio de uso que faz da linguagem nas interações sociais.



No decorrer do seu desenvolvimento, o homem passa a utilizar a linguagem como instrumento de pensamento com o objetivo de adaptar-se, mas também de criar, de compreender a si e os outros, de agir sobre si e os outros, de buscar respostas para todas as questões individuais ou coletivas.

METODOLOGIA

Com o estudo de alguns livros de escritores renomados podemos afirmar que suas técnicas estão sempre presente nos estudos científicos para nortear o conhecimento aplicado nos ambientes escolares, como conhecimentos teóricos da aprendizagem colocado em práticas no decorrer da vida profissional. Mediante a absorção do conhecimento do educador, ciente de tantas técnicas e teorias de aprendizagem, tendo como justificativa a pesquisa descritiva bibliográfica de alguns pesquisadores, como instrumento de pesquisas utilizando livros, artigos de escritores nomeados fazendo parte do dia a dia do professor, no decorrer da História da Educação e Aprendizagem, com a leitura e interpretação, pode dizer que nesse cenário o presente artigo objetiva a pesquisa qualitativa e bibliográfica.

REFERENCIAS TEORICAS

Cumpramos assinalar que, de acordo com CAGLIARI (1999), é importante o professor conhecer o que dizem a respeito do processo de letramento, ou seja, é necessário conhecer profundamente as capacidades que os alunos necessitam saber para aprender a ler e escrever. Devemos, ainda, conhecer a sua história de vida para lidar com sua realidade, sobretudo quando o aluno ingressa na escola com pouca experiência de uso da leitura e da escrita.

De igual forma “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...]” (COELHO, 2000, p. 27). Sendo assim a literatura infantil não pode ser vista apenas como um pretexto para que seja trabalhada a escrita e suas interpretações, mas precisa ser encarada como uma prática social da literatura. Oportuno se torna dizer que, a leitura, além de produzir um contínuo aprendizado, desenvolve a reflexão e o espírito crítico, sendo fonte inesgotável de assunto para melhor compreender a si e ao mundo.



Diferentes autores, como Piaget Vygotsky, dentre outros, defendem que a aprendizagem ocorre por meio da atividade do sujeito como aprendiz. Segundo Piaget “o indivíduo não poderia organizar suas operações num todo coerente se ele não se engajasse nas trocas e cooperação com o outro”. Vygotsky, assim como Piaget, também destaca o papel da interação do aprendiz com o outro no processo de aprendizagem, mas enfatiza a dimensão da cultura nessa interação. Segundo Vygotsky, a linguagem, por exemplo, se desenvolve em função da necessidade externa do indivíduo para se comunicar com seus interlocutores, isto é, o desenvolvimento cognitivo ao organismo: “a linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas seu ambiente”.

Existem quatro determinantes básicos do desenvolvimento: maturação, estimulação do ambiente físico, aprendizagem social e tendência ao equilíbrio organização. Destaca-se também o fator social, fazendo distinção entre experiência pessoal e experiência da humanidade.

RESULTADOS E DISCUÇÕES

O papel da leitura no ambiente escolar e a formação do leitor, começa com a atuação do adulto contando histórias infantis para as crianças que ainda não sabem ler, incentivando-as à leitura, Todas as crianças gostam de histórias. Isso parece estar relacionado ao fato de as histórias falarem de coisas muito próximas de sua vivência cotidiana. Quando leem, ou escutam histórias, as crianças entram em contato com um universo rico e vasto, onde estão presente a vida e a cultura de famílias e comunidades, sentimentos e relações entre pessoas e coisas do mundo. O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, ou histórias inventadas. A história não acaba quando chega ao fim: ela permanece na mente da criança, que a internaliza como se fosse um alimento de sua imaginação. Por isso, quem sugere a leitura, sobre tudo o adulto, deve propor atividades de enriquecimento, pois elas ajudam a trabalhar esse alimento num processo de associação a outras práticas artísticas e educativas. A história funciona como um agente desencadeador de criatividade. Pode-se, portanto, aproveitar a história para trabalhar algumas atividades baseadas nas sugestões que o enredo oferece, como dramatizações, modelagem, dobraduras, criação de textos orais e escritos, brincadeira construção de maquete. Enquanto a criança não sabe ler, o papel do adulto se



torna indispensável, pela ajuda que pode dar aos futuros leitores tanto na fase escolar quanto na fase adulta. Enfim, é ele que incentivará o ato de ler.

O livro é um objeto cheio de curiosidade, de fantasias que habita nosso imaginário de lembranças, de associações. Por isso a importância dos livros na primeira infância, seja em casa, seja na escola. Livros em estantes de tamanho, livros em cestas, em caixas de papel, livros oferecidos de forma natural, como os brinquedos acessíveis às crianças, nesse sentido que a literatura infantil desempenha um importante papel, de conduzir as crianças não só a aprendizagem, contribuindo para uma sistematizada escrita, permitindo que seja realizada leitura. Nessa esteira, sabemos que leitura é um tipo específico de comunicação, é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio - cultural. A comunicação não abrange apenas o falar e o escrever, mas também ouvir e ler: precisamos do interlocutor ou leitor, sem o qual não há comunicação.

Interessante dizer que, nos dias de hoje, percebe-se que as crianças começam a formação da leitura de mundo e a despertar para realização de rabisco, traços e desenhos desde cedo, conforme as oportunidades que lhes são oferecidas. Convém ressaltar novamente, que é necessário colocá-las em contato com a leitura e a escrita de maneira prazerosa.

Pode-se citar que a criança que mergulha dentro das histórias infantis, tende a melhorar sua capacidade de imaginar as histórias mais corriqueiras dentro de sua realidade. Ela consegue resolver seus problemas com mais facilidades e entender melhor tudo que a rodeia. Para isso, a criança necessita de um mediador para iniciá-la no mundo das letras e dos livros, porque sem esse incentivo elas não poderão ter uma visão ampla da leitura e nem poderão atingir com excelência a escrita. Por conta disso, é importante que as mesma tenham o gosto pela leitura para que esse prazer aconteça simultaneamente com a realidade em que eles vivem dentro de um contexto lúdico. Alfabetização e letramento: o processo da construção da língua escrita e da literatura na aprendizagem em sala de aula. O processo de alfabetização e letramento precisa ser visto como um componente essencial da vida escolar e social no qual a criança começa a ser inserida constitui um processo de grande complexidade, por esse motivo é necessário considerar suas relações de alfabetizações, que podem influenciar certas condições para a realização da aprendizagem, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do letramento, levando-se em conta que ler e escrever são condições básicas para o enriquecimento da capacidade de comunicação.



A literatura contribui para a formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade. Vale lembrar, com (SOARES, 1999), que o texto literário é um texto para emocionar, para divertir, para dar prazer. Esse prazer relaciona-se à experiência estética vivenciada pelo leitor ao lê-lo. A alfabetização e a formação do leitor compõem a mesma finalidade, uma vez que esses processos são considerados indissociáveis.

Quando foram lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para as séries iniciais da educação fundamental (1977-78), já havia uma defesa de um trabalho no componente curricular língua portuguesa tendo como base os gêneros textuais, para serem trabalhados na interdisciplinaridade.

Desse modo, a melhoria da prática pedagógica envolve, por um lado, a ampliação contínua dos conhecimentos, mas também o desenvolvimento de modos de interagir os alunos na alfabetização, gerando momento de aprendizagem muito rico, ressaltar que, às vezes o único espaço onde algumas crianças terão oportunidades de acesso aos livros é no âmbito escolar, é de suma importância favorecer este acesso ao acervo, dando condições para que estas crianças despertem no mundo da escrita. De igual forma destacamos que a reflexão sobre o Sistema Escrita Aprendizagem (SEA) não pode estar distanciadas das atividades de leitura e produção de textos, que o Ministério de Educação e Cultura - MEC disponibiliza acervos organizados em obras complementares, onde se encontra uma variedade de livros que contribuem para a aprendizagem.

A prática cotidiana prova que, durante o seu desenvolvimento, a criança passa por estágios psicológicos que precisa ser observados e respeitados no momento da escolha de livros para ela. Lembrando que essas etapas não dependem exclusivamente de sua idade, mas de acordo com COELHO (2002) do seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual e seu nível de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura. Neste momento vale lembrar que, é necessária a adequação dos livros às diversas etapas e fases do desenvolvimento psicológico da criança pelas quais normalmente passa: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor-em-processo, o leitor fluente e o leitor crítico.

A técnica da repetição ou reiteração de elementos segundo COELHO (2002, p. 34) “favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado”. O leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos). Essa é a fase em que a criança começa apropriar-se da decodificação dos símbolos gráficos, mas como ainda encontra no início do processo, o papel do adulto como "agente estimulador" é fundamental.



Interessante dizer que os livros adequados nesta fase devem ter uma linguagem simples com começo, meio e fim. As imagens devem predominar sobre o texto. As personagens podem ser humanas, bichos, robôs, objetos, especificando sempre os traços de comportamento, como bom e mau, forte e fraco, feio e bonito. Histórias engraçadas, ou que o bem vença o mal atraem muito leitor nesta fase. Indiferentemente de se utilizarem textos como contos de fadas ou do mundo cotidiano, segundo COELHO (2002, p.35) "eles devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer, o sentir".

Devido a toda essa complexidade, podemos dizer que, para chegar às aprendizagens, precisamos assegurar que o ensino ocorra de forma consistente e sistemática, tendo na sala de aula um ambiente formativo que ocupa uma posição central no processo de alfabetização. Além disso, deve-se considerar que o direito à alfabetização é um processo social e cultural mais amplo que inclui, além da aprendizagem da leitura e da escrita, a Alfabetização Matemática, pois uma das definições de ser alfabetizado é: saber ler escrever e fazer cálculos.

Malba Tahan, defendendo uma didática contextualizada e rica de conexões, publicou dezenas de livros de literatura infanto-juvenil com contos sobre a história da matemática e outros sobre curiosidades e Matemática recreativa mostraram a presença da Matemática na cultura popular e tem o objetivo de fazer com que os alunos gostem de aprender essa disciplina, mudando a rotina da classe e despertando o interesse do educando.

O ensino da matemática em conexão com a Literatura Infantil prestará sua contribuição na medida em que forem exploradas metodologias que priorizem a criação de estratégias, a comprovação, a justificativa, a argumentação, o espírito crítico, e que favoreçam a criatividade o trabalho coletivo, a iniciativa pessoal e a autonomia advinda do desenvolvimento da confiança na própria. Desta forma, quem escolhe o livro - o professor - e os princípios que ele segue, adquire papel de relevância, pois ambos podem trabalhar transmitindo ou compartilhando saberes, podendo atuar em favor da clausura ou da libertação do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relevante considerar a importância da leitura, não só em salas de aula, mas no decorrer da vida. Nos anos iniciais do ensino fundamental a leitura torna-se primordial para o ensino e aprendizagem. Com a ênfase na literatura voltada para crianças e a popularização da



literatura infantil, podemos afirmar que seu uso nas salas de aula desempenha um papel de suma importância, pois contribui tanto para a boa uma leitura como para a escrita e também para uma boa linguagem. Um bom livro encanta, incomoda, provoca, faz pensar. Nas séries iniciais o uso da literatura é um grande incentivo para a alfabetização e o letramento, é a fase mais importante na vida escolar, pois aí é que a criança aprende a ler e a produzir a fala lida, onde tendo acesso aos livros de literatura infantil, é motivado a interrogar, escutar, responder, concordar, entre outras atividades. Preciosa é a contribuição de professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverá na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida afora. Como se há de verificar, para desenvolver um programa de leitura equilibrada, que integra os conteúdos relacionados ao currículo escolar e ofereça certa variedade de livros de literatura como contos, fábulas e poesias, é preciso que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc.

O objetivo da escrita é a leitura, mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve. Portanto, a leitura é uma habilidade que precede a própria escrita, por isso a importância da leitura na alfabetização, mesmo a criança não conhecendo todas as palavras do texto, deixa-la ler, levando-a, a refletir sobre as estratégias de leitura. Ao ler e escrever a criança é sujeita de sua própria história, ela elabora, cria, registrar, relatar e tem voz.

Continuamos concluindo e justificando que, alfabetizar crianças, é uma tarefa complexa, mas pode, e esperamos que seja prazerosa, no entanto não significa dizer que as aprendizagens são simples ou que são fáceis, ou que não exigem esforço do aprendiz.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **A História da Literatura Brasileira**. Editora Saraiva.

CAGLIAR, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. Editora Sipione, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. Editora Quiron, 2000.